

O TELEPHONO.

ORGAO IMPARCIAL

PROPRIETARIO E PRINCIPAL REDACTOR—A. BIZZ

ANNO VII

26 DE JANEIRO DE 1889

Nº 293

CAMPO NEUTRO

—*(0)—

(Conclusão)

O Sr. Coelho de Rezende:

—Já dei a razão porque estou occupando a tribuna; fui a ella arrastado pelo nobre deputado pelo 1º districto do Piahy, que trouxe a discussão a questão debatida.

S. Ex. tambem trouxe á baila a eleição de 1886. Eu vou contar-lhes resumidamente o caso, porque tenho sido mais de uma vez chamado á ordem pelo Sr. Presidente.

Como V. Ex. sabe eu não desejava ser mais candidato. Combinei ceder o logar ao Dr. Pires Ferreira, e nisto interveio o conselheiro João Alfredo. Escrevi para a provincia ao chefe conservador dando conta do que se havia passado, e a minha carta, que elle deve possuir, pode ser vista, agora que elle está com os outros e não tem o menor motivo de suspeição.

Dei conta da minha renuncia, mas o Gremio declarou que não aceitava a candidatura do Dr. Pires Ferreira.

Desde logo o Dr. Jayme Rosa começou a explorar o meu districto em proveito seu. A vista da opposição feita ao convento, segui para a provincia e achei a quest.º neste pó: O chefe não queria o Dr. Pires Ferreira, eu estava fóra de combate, porque tinha renunciado-o. Era esta a opinião do Dr. Jayme e dos seus partidarios.

Mas o Dr. Simplicio de Souza Mendes, não quiz tomar compromissos com terceiro, durante a minha ausencia.

Chegando a provincia, logo que verifiquei não poder demover o chefe do proposito ou antes do compromisso que os contristas d'uma voce o fizeram tomar por occasião da chegada de minha carta, declarei que neste caso eu seria o candidato, porque minha cessão referia-se unicamente á pessoa do Dr. Pires Ferreira.

E' facil imaginar-se o effeito desta minha declaração que chamou logo sobre mim todas as iras do Dr. Jayme Rosa e dos contristas seus partidarios.

Sem elementos no districto para competirem comigo, começaram a ruminar no meio de sahirem-se bem do negocio, fazendo-me passar aos olhos do Dr. P. Ferreira e Conselheiro João Alfredo por traidor; ao passo que descarregam inteira a responsabilidade do malogro da candidatura do Dr. Pires no Dr. Simplicio Mendes.

Sim, logo que tiveram sciencia da minha candidatura, o que esta era acci-

ta pelo chefe, contra-marcharam, macaqueando o caso.

Convidados pelo chefe para uma reunião no dia 13 de Novembro daquelle anno de 1885, a fim de organisar-se a chapa dos candidatos do partido, deixaram de comparecer a dita reunião a hora aprazada, enviando ao chefe a seguinte carta cujo conteúdo deixa perceber a perversidade que a conselho e o calculo frio e previamente ajustado entre seus signatarios de fazer o Dr. Simplicio Mendes acceitar com a responsabilidade da recusa feita a candidatura do Dr. Pires, quando haviam sido elles os autores principaes de semelhante recusa.

A estratégia surtiu os devidos effectos mesmo porque o Dr. Simplicio Mendes e eu não quizeamos tirar o negocio a limpa, em consequencia da subsequente conciliação, promovida por terceira pessoa, que harmonizou as cousas.

Eis aqui a integra da carta (16):
Copia.—Thersina, 13 de Novembro de 1885.—Bospeitavel e prezado amigo Dr. Simplicio de Souza Mendes.—Tendo assentado em não comparecer á reunião do Centro, para a qual fomos convidados hoje, julgamos do nosso dever expor-lhe os motivos que determinaram esta nossa resolução.

«Sabemos por experiencia que tratando-se de questões da natureza das que vão ser discutidas hoje cada um tem a opinião formada, não declina della convencido por uma discussão de poucas horas que nada aproveita e quasi sempre traz em resultado aeres recriminações, que dando-se de viva voz tem o grave inconveniente de originar rompimentos serios, positivos e mais difficeis de se desfazerem com o correr do tempo.

«Ora, pelas conferencias havidas anteriormente, está verificado que divergimos essencialmente na candidatura que tem de prevalecer no segundo districto, e sem esperanças de convencer ou ser convencidos preferimos distinguir-nos de membros do centro, a desgostar o nosso chefe, a quem votamos todo o respeito e veneração, ou dar um voto repugnante a nossa consciencia e offensivo á nossa dignidade.

«A alternativa em que nos achamos collocados indica como unico prudente o alvito que tomamos, porque, si absolutamente não queremos concorrer, opinando pela candidatura do Dr. Pires Ferreira, para que o nosso chefe se retire da direcção politica do partido no qual muito legitimamente occupo o primeiro logar, tambem de modo nenhum conviremos em tomar a responsabilidade da violação do pacto feito na Corte pelo Dr. Coelho de Rezende, votando pela apresentação deste, apesar da espontaneidade com que elle procedeu e das recommendações de chefes

prestigiosos, como os conselheiros João Alfredo e Paimão, cuja intervenção foi solicitada como garantia do cumprimento do mesmo pacto.

Pelo que diz respeito ao 1º districto, leriamos muito gosto e a pronunciamos-nos pela candidatura do Dr. Coelho Rodrigues, que apresentando de nossas affeições pessoais, consideramos uma necessidade de politica, mas a declaração formal dos nossos correligionarios de fideles e a difficuldade proveniente da necessidade de abandonar das fiéis e leaes opiniões, tiramos toda a esperanza de triumpho, e embora estigamos prontos a convidar todos os esforços para conseguilo, não poderemos tomar a responsabilidade da derrota do Dr. Coelho Rodrigues, que só deve ser apresentado candidato contando com o apoio franco, decidido e unanime de seus amigos.

Quanto ao 3º districto, sendo gratamente e com razão considero a perda, pouco nos importa pronunciamos-nos pela escolha do candidato que deve ser apresentado, embora muito nos mereça o Dr. Jayme Rosa, contemplo na ultima organização da chapa.

Não tendo, portanto, candidato a indicarmos pelo 1º nem pelo 2º, nem 3º districto tomamos a nossa parte comparecendo a reunião, cuja deliberação eu tanto recebemos com o acatamento devido ao nosso chefe, e dispostos a cumprir suas ordens, não no elevado posto que immoderadamente occupamos e do qual nos desmitimos por amor a disciplina e harmonia do partido, mas no de simples soldados sem a responsabilidade que pesa sobre aquellos q' desempenham a espinhosa missão de directores. E se mesmo neste caracter nos fosse licito dirigilhe uma supplica, renovarmos o pedido que já lhe fizemos, isto é, que condescendesse em ser o nosso candidato pelo 2º districto ou apresentasse seu digno irmão, nosso amigo desembargador Antonio de Souza Mendes, como meio conciliatorio da divergencia.

Somos com toda estima e consideração de V. S. co-religionarios amigos e criados obrigados.—José Felice Alves Pacheco.—Jayme de Albuquerque Rosa.—Gabriel Luiz Ferreira.—Theodoro Alves Pacheco.—Francisco de Souza Martins.—Manoel Raimundo da Paz.—Helelido Clementino de Aguiar.

Diante de tal carta, disse ao chefe que presedia da chapa, porquanto, se tivesse de vencer, venceria sem as assignaturas desses homens; si tivesse de perder, perderia com ellas. Disse: deixe o burco correr seu leme, talvez eu não saia deputado; mas tambem não saltará nenhuma conservador.

Tirei uma copia dessa carta e retirei-me para casa.

Em seguida passei um telegrama ao Sr. Barão de Cotegipe, declarando o que havia e que ia apresentar-me candidato. Não sei o que elle disse ao presidente, o que sei e que dois dias depois o presidente chamome e disse-me q' os amigos queriam organisar a chapa.

Regratei-me nos 7 dias que aguardavam a chapa. Respondeu que uma organização seria a chapa que me trouxe á esta Câmara.

A isto julgo prudente na minha alligação.

Dever da honra, o Sr. Jayme Rosa, tomou a iniciativa de q' nessa carta havia de ser o Dr. Coelho Rodrigues, completamente para lá de mim. V. Ex. não deixou uma linha de scriptura nos dois deputados da provincia, logo q' o Sr. Dr. Jayme Rosa tomou a iniciativa favor de quem preside, não obstante, como to deso a si.

Então foram pela primeira vez por meus serviços, fazendo-me alguns superiores aos meus. Não desdus os seus documentos, proprios, quando a escola e grante, o pulso do vento. Com o effeito, aquella honra não passou de poder calmaria que precede as temp. stades. Para que a carta possa contrariar o procedimento he honram com o de hoje dos meus dignos chefes ali vai o que elles disseram a meu respeito.

«Dr. Coelho de Rezende.—No momento em que sustinemos os primeiros arreboes de nossa liberdade politica, nos é certo lembrar o nome de um illustre compatriota, cuja coragem e firmeza durante a nossa feroz luta suppr legitimamente abditos pelos revêzes da luta ou decepções da vida.

Este nome, já duas vezes victorioso pelo brioso corpo eleitoral do 2º districto desta provincia, e que todos repetem com o entusiasmo que desperto o vulto sympathico do combatente que sempre foi visto nos postos mais riscados, confiduos a sua guarda—é o nosso distincto amigo Dr. Simplicio Coelho de Rezende.

Redactor desta gazeta, desde os seus primeiros rebates na imprensa como orgão opposcionista, vis-a-vis a situação que se annunciava em 1878, hypocrisamente dourada pelas cores da liberdade, o Dr. Coelho de Rezende conquistou bem depressa a merecida fama que hoje o coroa impondo-se, pelo vigor da defesa que produz em favor do direito dos opprimidos, a estima e a admiração de todos os seus correligionarios.

De modo que, quando a consciencia nacional, diante das amargas decepções porque então passava o país, bradava na camera vitalicia pela bocca de Silveira Lobos: vivam-lhe as politicas!—ou exclamava com Martinho Campos: desgraçada situação!—esse brado e essa exclamação

já erão o echo da voz de Coelho de Rezende na imprensa piahyense.

Foi da victoriosa penna desse denodado campeão de nossas liberdades patrias e francas provincias que partiu, muitas vezes, o fogo do entusiasmo que vimos correr pelas nossas fiéras, accendendo a coragem e avivando a energia daquelle que se, sem sentir do desalentamento pelas fugas de um limiar incessante contra as oppressões de todo genero.

Nunca o deturpamos puetrou-lhe o espirito.

Qualquer que o valor os nossos adversarios, q' de bido se apropriaram em torca do 1º e 2º de uma vez, vitando de as armas do bofio da honra e da perspicacia para substituir a voz e desalentamento a penna, sempre prompta á defesa dos nossos direitos.

Todas as vezes e recursos indecorosos, contra elle postos em pratica pelos d'ceos instrumentos da politica do Sr. Visconde de Itanaguba, eram nos estimulos que o incitavam a emp alhor-se com mais ardor na nobre e generosa missão que se havia imposto.

E, pois, de justiça que o seu nome, que foi sempre sandado com respeito e abnegação nos dias da adversidade, e já hoje recordado com legitima satisfação e verdadeiro entusiasmo no meio dos nossos justos repousos, dos quaes foi incontestavelmente o Dr. Coelho de Rezende um dos mais salientes preparadores.

Quem ha ali que não se recorde da nascida energia com que elle em 1881 fultinou das colunas desta gazeta o non-truoso producto da mais arrojada das fraudes, destinado a suffocar as forças do partido conservador na provincia, e a assegurar uma cadeira vitalicia na camera temporaria ao Sr. conselheiro Franklin Doria?

Quem ha ali que não se recorde da brilhante posição que assumiu nessa mesma camera em 1885, defendendo os correligionarios opprimidos e pugnao pelos reais interesses desta infeliz provincia?

Novamente eleito na presente legislatura, não se pôde esperar de tão esforçada batalhador sinão a continuação da grandiosa missão a que tem votado a melhor parte de sua vida e que tanto o nobilita aos olhos da patria, quanto o eleva na estima de seus concidadãos.

Nos, portanto, o sudamos convictos de que grandemente contribuiu para o auspicioso evento de 26 de Maio, que levou ao seio da representação nacional o nosso distincto amigo Dr. Jayme Rosa.

Afinal, devo uma satisfação á V. Ex., e vou da-a. V. Ex. fez cargo ao Mar-

FOLHETIM.

MIMOSOS.

(A Anisio de Abreu.)

De uns opthalmos macios
Dormentes como o luar,
Mas, negros como a tormenta
E' feito teu negro olhar!

As vezes eu deo, acredita,
Que a aurora se incendiou,
E dos raios d'ossas chammas
O teu olhar se gerou...

Porque a luz resplendente
Que d'elle vem emanada,
Dá uns toques semelhantes
De esplendida alvorada!

E tu sabes que essa luz
E' a aurora dos mortaes,
Tem som e tem harmonias
Como as vozes dos pirdaes!..

E n'essa luz bemfazeja
Minh'alma espapa suas azas,
Como faz o beija flor
Das agucenas nas gazas.

E sonha, e sonha contente
Um mundo de devaneios,
Um mundo que se resume
Pelos vales dos teus seios...

Como a borboleta azul
Pousando de flor em flor,
Minh'alma, doce, tranquilla,
E' fetichista de amor.

E vês, de tudo resalta
A luz do teu doce olhar,
Como a meiga estrella d'alva
De raios a tremular...

E como as plantas pequenas
No meio dos carvalhaes,
Meos olhos olham teos olhos
Graciosamente ideaes!

E teu olhar tão tranquillo
Calafoso como os rosaes,
As vezes tambem voeja
Como as aves nos casaes

Alegre como a araponga
No seu canto festival,
Quando o sol desmaia a tarde
Pela fronda do cocai!

E assim tu vives mimosa
Com t u olhar seductor,
Suicidando minh'alma
Sedenta do teu amor.

Mas se os astros esmaecem
Ante a luz do teu olhar,
Como eu posso re-istir?
—Responde meo nenuphar!

Os brilhantes de mil cores,
E as pelrarias luz-ntes,
Os mandithos, bulidos,
Com as estrellas cadentes,

De certo se empalidecem
Ante essa luz que rutila,
Luz que te mola tão doce
Na tua languida pupila.

Os teos olhos, certo têm
Liações sideraes,
—Rosaes como a creança,
—Suaves como o lilaz!

Quem sabe se por acaso
Para Deos fazer o sol
Não pedio do teu olhar
Um rutilante arreboi?

Porque um fluido dormente
Se escapa do lacrymal,
Como foge pressuroso
O regato pelo vai!

E encendiando as espheras
De certo se fez pirotel
E Deos chamou para si
Um novo astro, outro sol!

E com as plantas pequenas
No meio dos carvalhaes,
Meos olhos olham teos olhos
Graciosamente ideaes!

E t os olhos tão mimosos
Senhores do teu olhar,
Não descem para os arbustos
Nem sobem para o luar,

Mas fitam vast'horizontes,
Incendiando os de luz,
Enchendo o espaço de raios
Que se derramam a flux!

E como a pomba serena
Que voa em busca de ninho,
Eu vou insensivelmente
Em busca de um teu carinho

Pedindo dia aos teus olhos,
Mimosos, negros e calmos,
Olhos que têm uns luares
Nos formosos opthalmos

O mar de certo não tem
Tantos thesouros famosos,
Como os que teus reunidos
Nestes teos olhos mimosos!

E como as plantas pequenas
No meio dos carvalhaes,
Meos olhos olham teos olhos
Graciosamente ideaes!

1889.

LEONIDAS E SÁ.

quez de Paragná pela nomeação do Dr. Clodoaldo Freitas, a qual, entretanto, foi promovida por mim e pelo Sr. Dr. João Henrique. Pediram-me da provincia (não foi elle quem me pediu, devo-o declarar por honra sua, mas um parente delles) a nomeação do Dr. Clodoaldo Freitas.

O Sr. José Henrique:—Eu me interessei pela nomeação do Dr. Clodoaldo Freitas, porque, além de haver sido meu companheiro de casa em Pernambuco, o coronel Lavour, primo delles, influencia no meu districto, escreveu-me pedindo isso; de mais, o considero um bom magistrado.

O Sr. Coelho de Rezende:—Bem. Não havendo nenhum termo vago na provincia do Maranhão, conforme declarou-me o nobre deputado pelo 4º districto, a quem pedi um termo para o Dr. Clodoaldo Freitas, resolvi mandal-o para Santa Philomena.

Fui á Secretaria da Justiça, verifiquei que o termo estava vago, e alli mesmo, estando presente o nobre deputado o Sr. Dr. João Henrique, escrevi este a carta que ambos assignamos. No dia seguinte foi o pedido á conferencia dos ministros, e dahi ha tres dias estava nomeado o Dr. Clodoaldo.

Por esta razão entendo que devo carregar com a responsabilidade desta nomeação....

O Sr. Coelho Rodrigues:—Foi uma injustiça que fiz ao Marquez contra vontade, como sempre.

O Sr. Coelho de Rezende:—... si nisto vai responsabilidade; porque, como já disse a V. Ex., estou muito disposto a romper com as tradições da politica do arroxo.

O Sr. Presidente:—Está passado o quarto de hora de tolerancia.

O Sr. Coelho de Rezende:—Os liberaes nunca nos deram um juiz municipal na situação liberal, nós temos-lhes dado diversos; oxalá que o exemplo possa aproveitar para o futuro.

Sr. presidente, eu obedeco a observação de V. Ex., e sento-me. (Muito bem! muito bem!)

(O orador é felicitado pelos Srs. deputados presentes.)

—(•)—

Caso novo, nunca visto e inacreditavel.

Sob a epigraphe acima exhibio-se o sr. major Antonio de Hollanda Costa Freire no «Telephone», n. 283 de 11 de novembro ultimo, acerca do que eu disse em meu artigo, de 13 de setembro, publicado na edição do mesmo «Telephone» de 13 de outubro preteritos, relativamente ao famigerado arrendamento de— Vista alegre.

Anciosamente eu aguardava o recebimento d'aquelle jornal, que, segundo propalava o dito major, devia trazer um escripto seu esmagando-me, (o gripho é meu.) Li, pois, com a maior avidez o tal escripto, e confesso que essa leitura deixou-me em um estado de verdadeiro pasmo; porque s. s., ao em vez de produzir provas, que desfizessem as minhas apprehensões sobre a sua intervenção, ou auctoridade no referido arrendamento, e o eximisses da responsabilidade a que sujeitei-o, tratou somente, e com um desazo lamentavel, de fazer a apothose de seus predilectos—alferes José Francisco de Hollanda e Antonio, oleiro; e, como que para fazer espirito, interrogou ao publico sobre o meu despropósito (ainda é meu o gripho), que attribue a minha idade de «quasi 70 annos», ou q' eu supponho estar no tempo dos antigos governadores, que ditavam a lei a seu talante, advertindo-me de que—«hoje a cousa é muito differente, cada um manda no que é seu e a pena não passa do delinquente!»

Em seguida, e depois de muitos signaes, ou pontos de admiração e reticencias, s. s. allude os factos que diz occorrerem em 1877 (parece que o sr. major recorda-se ainda saudoso d'essa epo-

ca, em que começou a sua opulencia!) e 1884, assim como ao dispendio de quasi sete contos de reis que com sacrificio fizera (provavelmente para beneficiar-me; não é isto, sr. major, o que s. s. quiz dizer na sua algaravia?)

Por ultimo declara o sr. Antonio de Hollanda que, além d'esses factos, muitos outros poderia citar (foi pena que o não fizesse), para provar a sua indole ordeira e pacifica, mas que abstinha-se d'isso e contentava-se, por ora, em convidar-me para em vez de brigas, odios e vinganças sem razão de ser, tratarmos da vida futura, por que—«quem de moço não morre (sic!) de velho não escapa!»

Com effeito, o sr. major Antonio de Hollanda, apesar da vetustez—de que se accuza, mostra-se de uma leviandade pueril, e como que mais refractario a verdade.

Assim é que disse s. s. «O sr. alferes José Francisco de Hollanda, pessoa muito bem conceituada n'este municipio, eleitor de parochia, casado, com 6 filhos, proprietario de terras na fazenda—Mucambo—do Alegre, d'este termo, onde tem casa de telha, curraes, roças, gados & arrendou o seu sitio denominado—Vista alegre, na mesma fazenda, ao sr. Antonio José Ferreira Lima, official de oleiro, homem manso, bem casado e trabalhador, e de cujo arrendamento eu só tive sciencia depois de effectuado.»

Será isto serie sr. major?

Vejamos.

Quanto ao alferes José de Hollanda, como é mais conhecido este sr. s. s. não devéra ter omitido, como fez, quicá, muito de industria, a circumstancia, aliás valiosa no caso vertente, de ser elle seu filho e vaqueiro; assim como a de haver o mesmo alferes já occupado o cargo de subdelegado de policia do 4º districto deste termo, apesar de residir no 1º; porque, conhecido tudo isto, sabendo mais que elle é quasi analphabeto, pois mal assigna o nome, e que vive em perfeita dependencia paterna; sabendo-se, finalmente, que o tal contrato de arrendamento fóra redigido por s. s. e escripto pelo sr. seu filho tenente-coronel Fernando de Hollanda Costa Freire, que assignou-o como testemunha—juntamente com o sr. Raymundo de Hollanda Costa Freire, tambem seu filho; o publico poderá melhor responder a interrogação que s. s. dirigio-lhe a respeito do meu despropósito.

Não tratei em meu artigo sobre o bom ou máo conceito de que goza o sr. alferes José de Hollanda, mesmo porque em nada importava isso para o caso de que occupei-me: entretanto, visto que o sr. major teve a indiscrição de trazer isto á balha, direi agora, que é justamente á s. s. áquem elle parece inspirar conceito; pois que, segundo corre com toda insistencia, só deo-lhe a vaqueirico da fazenda em que está, mediante a responsabilidade do tenente-coronel Fernando de Hollanda, que obrigou-se por qualquer prejuizo que, por incuria do alferes, viesse á mesma fazenda.

Seria bom que o sr. major Antonio de Hollanda declarasse, e em termo que faça fé, onde o alferes José de Hollanda cria os gados que

s. s. asseverou em seu escripto possuir elle, assim de que a collectoria respectiva possa tributal-o para o pagamento do imposto de dizimo, de que tem estado isento, como evidencia—se do documento infra.

Mas, ignorará o sr. Antonio de Hollanda que as poucas rezes (4 ou 6) que esse seu filho possuía, bem como 2 cavallos, elle vendera, ou dera ao sr. tenente-coronel Fernando de Hollanda, para pagamento da despeza feita com a tal patente de alferes, que s. s., por um accesso de vaidade e ostentação do seu descommunal poderio conseguiu-lhe?

Para não tornar-me prolixo deixo de analysar a casa de telha e o sitio denominado—Vista alegre—. Entretanto, para que se avizle da qualidade e valor d'essas propriedades, direi, apenas, que tudo achase arrendado pela enorme somma de sete mil reis annuaes!

E os curraes, á que s. s. allude, consistirão nos fracos vestigios de um—unico e pequeno curral que houve, ha tempos, em Vista alegre?

Ora sr. major, seja mais circunspecto, ao menos quando escrever para o publico.

A respeito do sr. Antonio, oleiro, o sr. major foi de uma inexactidão condemnavel.

Realmente, sr. major Antonio de Hollanda, quem ousa afirmar, e por escripto que é—«manso e bem casado» um individuo do qual late de Antonio, oleiro, á quem s. s., no intuito bem pronunciado de ver se me desconsiderava, deo morada, logo que teve conhecimento de haver elle sido despedido por mim d'agregação que possuía, pouco tempo depois exultou de suas terras; e que, casando-se, haverá 3 annos, a quasi 2 abandonou a mulher, e vive em publica e triminosa mancebia com uma infeliz viuva, com a qual habita, tendo ella uma filha já moça, que provavelmente será victima do seductor de sua inditosa mãe, se esta não for bastante cautelosa; com certeza não hesitará em divinisar aos habitantes do averno.

Sr. major, este seu dislate fez-me lembrar d'aquelle muito alto e poderoso personagem, que s. s. deve conhecer perfeitamente, o qual, não obstante ser casado com uma virtuosissima e gentil senhora, conservava, todavia, debaixo do mesmo tecto—teúda e mantida—uma escrava sua, em que teve diversos filhos, que, a final, libertou, com a mesma escrava, para prestar serviços ao seu paiz, embora um d'aquelles conseguisse a liberdade, mediante o producto de uma subscrição, cu antes cotisação imposta á alguns parentes e amigos, em uma reunião adredemente promovida.

Não seria máo, sr. major, que s. s. fosse mais discreto e menos leviano em seus arroubos de tecer encomios aos seus afieçados, afim de evitar parallelos semelhantes.

Jacta-es o sr. Antonio de Hollanda de haver, com sacrificio, despendido em 1877, quando diz que eu estive de ferro e sangue com meu parente Luiz Avellino, quasi sete contos de reis, insinuando—falsa e malevolamente que o fizera para prestar-me serviços e protecção!

Na persuasão de que s. s., dando noticia d'aquelle despeza, quiz referir-se á que fez com a aquisição da fazenda—S. Luiz—, pertencente ao referido Luiz Avellino, devo declarar-lhe que essa sua bazofia nada colhe; por quanto não ha quem ignore n'esta comarca que o sr. major Antonio de Hollanda effectuou essa compra muito espontaneamente e com maxima vantagem para si, pois recebendo os gados, de anno acima, á razão de 135000 reis por cabeça, e os bizerros a 65500 reis, reputou a maior parte d'elles, ou quasi todos por um preço mais que duplo.

Conforme acima notei, o sr. Antonio de Hollanda dá a entender que n'essa, como em outras occasiões, prestou-me grande somma de favores e beneficios; procurando fazer acreditar áquelles que o desconhecem, e não tem sciencia dos factos, ser elle um verdadeiro prototypo de abnegação e philanthropia. Saiba, porem, o respeitavel publico, sabiam todos que quizerem ter a complacencia de ler estas linhas que, o que s. s. afirma n'esse sentido—com um desembaraço culposo, é inteiramente contrario a verdade. Se estou em erro, o sr. major queira ter a bondade de indicar—quas os favores e beneficios que me ha dispensado.

Desejára que o sr. Antonio de Hollanda declarasse á que proposito trouxe o nome de Luiz Avellino para a questão que nos occupa, dizendo aleivosamente que eu estivera de «ferro e sangue» com elle.

Persuadir-se-ha s. s. que esse seu perfillo invento pode acarretar-me algum desdouro? Não duvido que fosse esse o seu intento, porque é visível o desejo insano que s. s. mostra de ferir-me. Devo, porem, asseverar-lhe que, si assim pensou, enganou-se redondamente, pois o sr. major sabe que eu considerei sempre, e ainda considero não ser pequena felicidade a falta de certas relações amistosias com algumas pessoas, entre as quaes é-me agradavel mencionar a de s. s. No entanto, affirmo com toda franqueza e isenção que é falso, falsissimo aquelle invento do sr. Antonio de Hollanda, assim como que eu alguma vez tivesse questão com Luiz Avellino por causa de roças.

O que houve em 1877, e que s. s., como todos os coevos tem pleno conhecimento, foi o seguinte:

Um nosso aggregado do nome Victalino, residente no lugar denominado—Jaboty—, tentou fazer uma roça proximo á—Fazenda nova, onde meu filho Deolindo acabava de situar-se.

Não só por esta circumstancia, como, principalmente, pelo afouteza que tivera esse aggregado de dar começo a semelhante serviço sem permissão, nem sciencia dos compossuidores das respectivas terras, prohibi a sua continuação, declarando ao dito aggregado que, no caso de querer, fosse fazer sua roça no lugar onde morava; no que elle concordou.

Alguns dias depois, Luiz Avellino, que, então andava retirado, ou antes intrigado com todos os parentes, sem excepção do proprio sr. Antonio de Hollanda que, poucos mezes antes queixava-se amargamente e todo lacrimoso que esse

seu sobrinho accusava-o de um facto horroroso—quasi o de haver s. s.... (não quero completar, por ora, a sua queixa sr. major, mas não duvidarei fazel-o, se for á isso instigado por s. s.); Luiz Avellino, repito, manda chamar a Victalino e o acoçoça á continuar com o serviço que eu prohibira.

Logo que tive certeza d'este facto, mandei prevenir a Victalino de que absolutamente não consentia que elle fizesse aquella roça, asseverando que, se não obstante a minha advertencia, elle persistisse em fazel-a, perderia esse serviço porque en a destruiria.

Effectivamente, achando-me em Oeiras, e tendo sciencia de haver Victalino, que zembura inteiramente de minha deliberação, dado por terminada a cerca da t l roça, regresssei á casa, e no dia seguinte, logo pela manhã, fui em pessoa fazer demolir a questionada roça, que, propositalmente, tinha sido cercada com varas de palmeiras cov's.

Este meu acto, publico e notorio, foi muito applaudido pelo sr. Antonio de Hollanda que, estando tambem em Oeiras, veio comigo, dizendo que queria ir assistil-o; d'ixando, porem, de fazel-o por ter azechado incommodado;—nunca soffreo a menor censura de quem quer que fosse, e somente agora s. s. parece reprová-o, ainda que invertendo os factos.

Luiz Avellino, tendo reconhecido que era-lhe difficil continuar a residir no lugar, visto achar-se divorciado de todos os parentes, entendeu que devia aproveitar o ensejo para transferir a sua residencia para Oeiras, como ha muito premeditava. Tratou, pois, de vender o que tinha e retirou-se para aquella cidade, tomando como pretexto d'esse seu procedimento o julgar-se exautorado por mim na pessoa de Victalino.

Eis a verdade em toda sua nudez, á qual, em sua boa fé, ninguém poderá contestar.

Refere-se ainda o sr. Antonio de Hollanda a occurrencia desagradavel que déra-se, em 1884, com meu filho Jeremias, contra o qual alguns conservadores d'esta comarca, inclusive Luiz Avellino, promoveram uma descommunal perseguição, fazendo-o denunciar por Antonio Gabriel, vulgarmente—Tuna— pelo pretensio crime de injurias e não sei que mais; alegando ter sido s. s. quem «pode accommodal-os» com o auxilio do seu importante e respeitavel amigo dr. Manoel Rodrigues de Carvalho.

Ninguém melhor do que o sr. major Antonio de Hollanda conhece a origem d'essa perseguição, toda politica e injusta, de que foi victima incauto o dito meu filho; entretanto, vem hoje s. s. com uma viveza inqualificavel atiral a no tapete de uma discussão jornalística, inteiramente estranha ao caso, sem duvida com o satânico fim de achincalhar ao referido meu filho, á quem, aliás, «da melhor forma procura agradar!»

Tartufo! A sua cegueira em maisinar é tal, que não lhe permite ver que factos como aquelle, longe de abater ao homem de bem mas o elevam no conceito publico!

Não sei se foi o sr. Antonio de Hollanda o auctor da tal accommodação, nem mesmo se n'ella s. s. interveio: o que posso afirmar, e faço-o com toda hombridade e singeleza é que nunca tive sciencia de semelhante facto, o qual, se for verdadeiro, não deixará de causar-me profundo dissabor; pois

que s. s. deve saber que a sua intervenção em qualquer negocio que nos diga respeito, eu considerarei sempre como impertinente e nociva ao bom resultado que possa ella ter.

Isto posto, cumpro o dever de significar ao sr. Antonio de Hollanda que, não lhe havendo pedido coisa alguma, nada tenho que agradecer a sua jactancia.

Acerca do convite que o sr. major Antonio de Hollanda Costa Freire cynicamente dirigiu-me para «em vez de brigas, odios e vinganças sem razão» de ser, tratarmos da vida futura, pois que «quem de moço não morre, de velho não escapa», cabe-me declarar-lhe:

1º que nunca soube, nem ouvi dizer que alguém percesse de mocidade;

2º que, se s. s. julga-se, ou sente-se oppresso de remorsos pelas boas obras que haja praticado em sua vida, procure, por si mesmo, aliviar sua consciencia e preparar-se, convenientemente, para quando houver de dar contas a Deus, em quem confio não ter a desdita de acompanhá-lo n'essa hora extrema;

3º finalmente, que, apesar de contar hoje a idade de 67 annos, 9 mezes e 10 dias; e, alem d'isso, achar-me aleijado de uma perna, em consequencia do desastre de que fui victima no dia 6 de julho de 1887, julgo-me, todavia, ainda com forças e disposição bastantes para responder a s. s. em qualquer tom e occasião que provocar-me. Fique certo d'isto.

Digne-se, sr. redactor do «Telephone» de dar publicidade a estas linhas, pelas quaes me responsabilizo, na forma da lei.

Alagoa-grande, no termo de Oeiras, 29 de dezembro de 1888.

Jose Pereira Nunes.

Documento.

Illm. sr. collecter das rendas provinciaes d'este municipio de Oeiras.—José Pereira Nunes, para documento seu, requer a v. s. que se sirva declarar-lhe, por certidão, em quantos bezeros e poldrinhos acha-se lançado o alferes José Francisco de Hollanda, residente no mesmo municipio.—Pede deferimento—E. R. Mc.—Alagoa-grande, 16 de dezembro de 1888.—José Pereira Nunes.—(Está sellado com um estampilha de duzentos reis, devidamente inutilizada).—Certifique-se.—Oeiras, 22 de dezembro de 1888.—O collecter, Benjamim Mendes.—Certifico que revendo o livro de lançamento de bezeros d'este municipio, do anno de mil oitocentos oitenta e oito a mil oitocentos oitenta e nove, não encontrei lançamento algum de José Francisco de Hollanda, do que dou fé, e ao respectivo livro de lançamento me reporto.—Collectoria Provincial de Oeiras, 22 de dezembro de 1888.—O escrivão, Leopoldo Barboza de Souza.

—:—(*)—:—

União.

A injusta decisão da junta Revisora dos jurados deste termo, composta na sua maioria de pessoas que gratuitamente se constituíram meus rancorosos inimigos, não teve outro fim senão pôr em pratica a infeliz lembrança de exercer, contra mim e meus amigos, a mais clamorosa injustiça excluindo-nos da lista geral dos jurados, pelo facto de sermos carecidos de rendas para o exercicio de semelhante função!

Nada teia eu que ver com este

procedimento da junta Revisora, se não reconhecesse a parcialidade com que a maioria de seus membros procurara executar as suas manobras no dia 11 deste, excluindo acintosamente da lista geral a cidadãos eleitores e outros que reúnem em si todas as qualidades para o serem, afim de incluir como o fizera muito de proposito a individuos que não reúnem os requisitos exigidos pelo art. 224 do Reg. n.º 120 de 31 de janeiro de 1842.

Não fica só nisto. Ainda andou mal a junta revisora, mandando incluir na lista geral dos jurados deste termo, e nome do capitão Manoel Ribeiro S. do Nascimento, visto como, perdeu elle dentro do anno as qualidades precisas para ser jurado por se achar definitivamente pronunciado pela Relação do districto; art. 229 e 233 do referido Reg.

Entretanto eu para fazer valer o meu direito, perante o poder competente e que a maioria da junta Revisora procurou conciliar o caprichosamente, não preciso, e nem precisarei curvar-me aos pés de quem se julga ter o rei na barbiga.

Pode ficar certa a maioria da junta Revisora, que vou fazer valer o meu direito perante o poder competente e em cuja occasião mostrarei documentos que o justifiquem.

União, 15 de Janeiro de 1889.

Joaquim da Silva Carlos.

MOVIMENTO REPUBLICANO

O dr. Joaquim Nogueira Paranaguá, o chefe do abolicionismo no sul da nossa provincia, aquelle que primeiro levou á nossa assembléa um projecto de abolição provincial é actualmente o chefe da propaganda republicana, no Piahy.

A evolução é natural. O verdadeiro abolicionista necessariamente é democrata; e o verdadeiro democrata quer ver victoriosos todos os principios que tenham por fim, a regeneração social, isto é, a perfectibilidade humana.

Desde que os velhos partidos monarchicos se confundiram, era natural que os verdadeiros democratas do Brazil, creassem o partido republicano.

A liberdade é o bem mais sagrado do homem, e sendo o systema republicano o que mais facilita a aquisição da liberdade, era natural e logico que dos dous velhos partidos monarchicos, surgissem os verdadeiros democratas, que formarão a grande caudal que dominará não só a provincia, como o paiz inteiro.

Nas duas brilhantes conferencias realizadas pelo dr. Nogueira, nos dias 7 e 8 do corrente, as quaes não phreneticamente applaudidas pelo numeroso auditorio, disse entre outros periodos, «que não fallaria da familia imperial, nem dos conservadores e liberaes, porque o seu fim não era combater pessoas, mas, combater um systema de governo que acredita ser prejudicial á sua patria, o elevar o systema republicano que tende sempre a ennobrecer um povo e nunca a deprimil-o.»

Fez um parallello entre os dous systemas de governo, republicano e monarchico, no qual demonstrou de modo claro e ao alcance de todos, que a monarchia é o systema que necessita da ignorancia e atraso do povo, porque não pode soffrer discussão nem analyse; ao passo que o systema republicano, para melhor governar, tem sua

base sobre a instrucção e progresso do paiz.

«O paiz está em presença dos seus mandatarios que lhe prestam contas e podem ser substituidos pela vontade nacional.»

O dr. Nogueira com a sua eloquencia e amor a liberdade teve momentos de verdadeira felicidade oratoria. Não podemos citar todos os bellos periodos que enunciou, mas notamos entre outros o seguinte:

«O Brazil quer respeitar a dignidade humana, e que a justiça seja uma realidade; ama a gloria e as fecundas innovações; traz em si germen de produções sublimes e elementos da mais fecunda historia que ennobrece um povo.»

Tenhamos confluência na mocidade pensante e no invencível amor a independencia, que reconhecemos no Brazil.»

O orador terminou a conferencia saudando a «Republica», e erguendo vivas aos republicanos do Brazil.

Corrente, 12 de dezembro de 88.

Joaquim N. Nogueira. /

TÊTE - À - TÊTE.

A circular—protesto com que o illustre sr. capitão Mariano Gil explicou a sua posição politica, diante da manifestação preparada pelos amigos politicos do dr. Coelho de Rezende, vae produzindo os seus effectos, e soffrendo os comentarios que o caso offerece. Uns opinão, que o protestante procedeu como politico sincero, deixando de assignar a manifestação, outros pensão diversamente.

Entre o jornalismo lavra a divergencia:—a Epoca proclama como correcto o procedimento do capitão; a «Imprensa» diz que são modos de ver as cousas por prisma differente; e a «Phalange» toda receiosa tem apprehensões sobre a concurrencia do hybridismo politico no futuro...

A 1ª afirma q', do protesto do capitão Mariano Gil, se infere que este só reconhece como chefe o sr. Marquez de Paranaguá, na corte, e o directorio, na provincia, o que importa o mesmo que dizer serão chefe o coronel, como qualquer outro membro d'aquelle.

A 2ª contesta essa doutrina, em linguagem acre, fóra da commun. e, apesar de conhecer que os chefes politicos não se impõem, que se fazem pelos seus serviços, pela dedicação, pelo prestigio, pela posição social, pelas adhesões, pelas sympathias (1) de que gozão entre os seus co-religionarios (?), arroga o papel de chefe do partido liberal ao coronel, imposta por aquelles, que reconhecendo n'elle todos aquelles predicados, o considerão como tal, elevando-o a presidencia do directorio, onde tem correspondido os nobres intuitos do partido!

Depois de tão bonita e longa tirada, é logico concluir que de duas uma: ou o sr. capitão Mariano Gil faltou a verdade, não reconhecendo a chefia do coronel como presidente do directorio, ou a «Imprensa», apreciando os factos por prisma differente, confirma o que aquelle nega, como um entidade politica chef, de muito prestigio na provincia, e perante o Marquez.

Que o juizo externado pela «Imprensa» não exprime o pensamento de todo o partido liberal, incumbe tirar a prova á limpo as influencias locais, que, se adherirem a causa do sr. capitão Mariano Gil, é significativo que não delegarão a

(1) Faltou pelas companhias.

«Imprensa» a faculdade de, ex-autoridade, conferir o bastão de chefe á este, ou aquelle, muito embora tenha a comprehensão clara dos seus deveres, como está na consciencia até mesmo dos adversarios leaes, sinceros e honestos, que seguramente não são os da «Epoca» que pensão em sentido inverso.

As posições definidas em todo caso; e já que o protestante fez o directorio cair no laço bom será que se reuna d' novo, interpelle o mas não aceite outro protesto de brio, velhaco mesmo, para evitar comentarios que a «Imprensa» não pode destruir, tendo antes cantado hosannas e apresentado-o com um feliz achado, em quanto ria-se o protestante, dizendo:—posições definidas.

Falta ser chamado á barra do concilio o coronel Avellino; mas cuidado! mais velho que o capitão é capaz de errar todo Vaticano... sair de lá como entrou, e tudo pode ser porque, les temps sont durs; il n'y a pas mieux, como dizia A. Dumas!

—Convém para a boa harmonia e disciplina do partido—que a «Imprensa» se entenda com o sr. capitão Mariano Gil, e accorrem se reconhece, ou não a chefia do coronel, que a «Epoca» põe em duvida, o capitão calla, e a «Imprensa» proclama, mas sem as credenciaes, e a Phalange sustenta uti et arbi... Posições definidas, e negocios claros.

o partido republicano

As ideias democraticas progredem.

Depois da diamantina lei de 13 de maio, o Brazil, esse enorme gigante, de-pera! O Brazil, é um paiz americano, tem sóle de liberdade, amor ao progresso e quer unificar-se ao systema americano. Reconheceu seu erro passado e não quer mais viver em antinomia com os paizes americanos.

O longo tirocinio da monarchia no Brazil, tem demonstrado aos brasileiros que o systema monarchico é incompativel com a liberdade, progresso, instrucção e nobresa de caracter do cidadão. Nem um só acto tem praticado a monarchia no Brazil, pelo qual se recomende a gratidão dos brasileiros.

Nada deve obstar-nos a que sigamos o systema republicano.

Os velhos partidos monarchicos, sem principios que se distingão e descrentes, intiramente sem fé, não poderão competir com o partido republicano, cheio de vida e viva fé em seus principios.

As ideias republicanas, até hontem, para bendizer, olhadas com indifferença e como que desconhecidas no Brazil, vão rapidamente avassalando o coração dos brasileiros. Do Rio-Grande do Sul ao Pará e do Recife á Cuyabá, repercutem, livremente, as ideias republicanas.

O partido republicano, actualmente, é, no Brazil, um partido vigoroso e forte. O seu fim é combater o systema actual, visando a victoria dos verdadeiros principios democraticos, que devem governar e dirigir os povos, e unificar o systema americano.

A occasião é propicia, a oppor-tunidade favoravel. Não podemos e nem devemos recuar ante a grandesa do nosso destino.

Urge que cumpramos o nosso dever. As instituições obstruidoras do progresso do povo brasileiro, devem desaparecer.

O exemplo dado pelas trez mais

prosperas provincias do Brazil, Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Geraes, deve ser nobremente seguido, como de facto o está sendo, por todas as demais provincias do Brazil.

Os brasileiros estão convencidos de que o systema republicano é o unico digno de um povo livre.

O governo do povo, pelo povo e para o povo é tão nobre e grandioso, que um notavel inglez Coverie, disse (por occasião de sua estada na America do Norte e fallando dos Americanos,) ser o systema republicano a synthese da perfectão de todos os governos. Queremos a nossa liberdade; é urgente a nossa autonomia.—

Muitos correntinos, verdadeiros sectarios da democracia e concededores do dever que tem de trabalhar pelo ennobrecimento de sua patria, resolverão fundar um club republicano, afim de que os verdadeiros principios democraticos sejam, d'ora em diante, defendidos e divulgados de modo tal, que possam concorrer altamente para o aperfeiçoamento da sociedade brasileira.

Acta do Club Republicano do corrente.

As 3 horas da tarde do dia 8 de dezembro de 1888, nesta villa do Corrente, de Paranaguá da provincia do Piahy, em casa do cidadão dr. Joaquim Nogueira Paranaguá, abi presentes muitos eleitores do municipio e villa do Corrente, do 3º districto eleitoral da mesma provincia, os seguintes cidadãos:

- Gilberto Rodrigues Alves.
- Theodomiro Lino de Sousa.
- Joaquim Lino de Souza.
- Jose Lino de Sousa.
- Antonio Lino de Sousa.
- Benjamim Lino de Sousa.
- Dr. Joaquim Nogueira Paranaguá
- Antonio Cerqueira de Moraes.
- José Lopes Lobato.
- Dorotheu José de Carvalho.
- Manoel Alves Pugas.
- Sebastião Francisco da Cunha.
- José Gabriel da Rocha.
- Amaneto de Seixas Loseiro.
- João de Seixas Loseiro.
- Josué José Nogueira.
- Getro Alexandre Nogueira.
- José Irineu Pereira de Lemos.
- João Lino Cavalcante.
- Cypriano Virginio de Oliveira.
- Manoel de Sousa Ribeiro.
- Augusto Baptista de Oliveira;

tomando a palavra o cidadão

dr. Nogueira consultou aos cidadãos presentes se devia ser nomeada a directoria por votação ou aclamação. Foi decedido que por aclamação; sendo eleitos os seguintes cidadãos:

- Presidente—Gilberto R. Alves.
- 1.º Vice-Presidente—Theodomiro Lino de Sousa.
- 2.º V. Presidente—Josué José Nogueira.
- 1.º Secretario Dorotheu José de Carvalho.
- 2.º Secretario Joaquim Nepomuceno Nogueira.

Villa do Corrente 8 de dezembro de 1888.

O secretario que esta escreveu—

Dorotheu Jose de Carvalho. ✕

Sendo-me, em certo dia, apresentada a manifestação que tinha de ser dirigida no extm. sr. dr. Coelho de Rezende para assignar, recusei-me a isso nos seguintes termos: não assigno-a por que julgo a uma manifestação politica, depois abi figura o nome desse cujo—indicando a assignatura do sr. dr. Souza Lima.

Esta é a verdade; e o mais que se diz nos artigos á que estou respondendo—não vale nada.

R. A. Borges

Reconhecimento.

Profundamente commovido pela infesta noticia do prematuro passamento do meu sempre pranteado e jamais esquecido amigo e cunhado, Cezar Collaço Candá e Veras, fallecido na cidade da Parnahyba, no dia 18 do corrente mez, conforme me foi telegraphicamente communicado pelo sr. capitão Franklin Gomes Veras, não me posso furtar ao sagrado dever de, do alto da imprensa, vir agradecer-lhe tão subida prova de consideração, protestando-lhe, ao mesmo tempo, bem como a todas as pessoas que, nesta cidade, honraram-me por essa occasião com suas visitas, o meu eterno e verdadeiro reconhecimento.

25 de Janeiro de 1880.

Raimundo V. da Rocha Tote.

VARIEDADE

A PROPOSITO DAS LIGERAS CONSIDERAÇÕES

Meu caro Sr. Redactor.

Com grande surpresa li no folhetim do Telephone n.º 291 de 13 do corrente, assignadas pelo Spencer Pianhyense, as ligeras considerações que lhe suggeriu uma simples carta minha que dirigi a v. s. pedindo-lhe (a exemplo do que se faz na corte e em outras capitães civilizadas) chamasse a attenção das autoridades competentes para dois cães bravios e, portanto, inconvenientes de viverem soltos nas ruas d'uma capital a viverem contra os que, tranquilos e conscientes do Struggle for life, tratão de pagar esse tributo fatal da humanidade.

Longe estava eu, dirigido-lhe esta carta, de supor que ella desse origem a uma dissertação, por assim dizer academica, sobre a Davida!—isto é, se temos ou não avoado, a pezar dos aperfeiçoamentos materiaes e intellectuaes da humanidade em sua ontogenia ou em toda a escala morpica ascendente neli qual tem passado a sua individualidade, desde os tempos primitivos até os nossos dias.

Desde o toscó machado de pedra do homem pre-historico ou do homem habitante das cavernas até as maravilhosas invenções do nosso seculo.

Desde os primeiros habitantes da Phénicia, do Egypto e da Grecia até os typos aperfeiçoados da raça indo-germanica do nosso seculo, tão eloquentemente representados pelos distinctos engenheiros e naturalistas Ferdinand de Lessops, Darwin, Haeckel, Pasteur, Claude Bernard, Quatrefags, Virchow, Harit, e tantos outros obreiros do progresso intellectual da humanidade.

Fala depois Spencer, a proposito da duvida, sobre as revelações, que o mesmo fôra dizer, metamorphoses porque tem passado o nosso planeta em suas diversas phases ou epochas geologicas.

E, como as sciencias naturas são de todas, as que se têm mais avantajado ou avançado nessa ontogenese do esforço intellectual da humanidade, adquirindo fervorosos adeptos que gradativamente vão desvendando nas profundezas dos mares os areanos dessas myriades de seres mais atrazados, entre os quaes, conservão-se ainda no nivel inferior da escala morpica da humanidade os medefos animaculos microscopicos, como os protozoarios, os zoophytes e outros, lembra-se da anatomia comparada que immortalisou o sabio Cuvier, o infatigavel João Hunter, o professor Owen, e tantos outros que estenderão as suas observações até aos nossos dias, conseguindo, por meio do microscopio, estudar esses curiosissimos seres inferiores que até então, tornavão-se impossiveis a toda e qualquer analysão.

A proposito da anatomia comparada lembrou-se Spencer da grande classe dos mamíferos e, por uma successão natural de ideias, destacou a especie lupus ou melhor canis-familiaris do genero canis, a que pertence o cão. Passou a descrever as variadissimas raças obtidas hoje pelo cruzamento e seleção natural, meios de que dispõe a Zootechnia moderna.

Depois de citar uma serie de propriedades communs aos cães e que estão ao alcance de todos por serem factos muito conhecidos, como seja a fidelidade, o reconhecimento, o affecto aguçado, olhar myzalofo, etc, vantagens que os collocão na 1.ª ordem dos irracionais, e de citar alguns factos historicos, e outros romanticos e poeticos sobre o animal em questão, concluo as suas considerações p'rguntando se, em vista do exposto, ha alguma hoje espiritos atrazados que cha-

mem os pobresitos que só nos merecem reverencia, de tão inconvenientes animaes!

Accrescentando que, quando não fosse isso uma calumnia à sociedade dos irracionais, seria um cortejo de desaffairado as faces da sciencia moderna etc.

Ora, de toda essa dissertação, com a qual estou de perfeito accordo, nada teria que dizer se o pseudo Spencer não tivesse tão injustamente classificado de caluniador da sociedade irrational, e de espirito provocador e atrazado, sem comtudo conter as minhas ideias sobre a nova theoria, e sim baseando-se unicamente na referida carta que eu, por um espirito de conservação, isto é, por não querer ser victima ingloria dos dentes caninos de dois enormes cães quasi selvagens, e portanto, inconvenientes à sociedade, dirigi a v. s.

Mas uma vez que irrefletidamente o fez, permita-me o Spencer que eu o considere, ou levião ou provocador gratuito!—e portanto, proteste contra a injusta accusação. Sendo que elle foi quem, sem motivo justificavel, stirou me o cortejo de desaffairado!

E, como prova da que o que avoço é uma pura verdade, isto é, que me accusarão injustamente, porque estou de pleno accordo com as modernas leituras de Transformismo ou theorias da Evolução, passarei a fazer tambem algumas considerações sobre esse bello e attraente assumpto que preoccupa hoje com enthusiasmo os espiritos das novas legiões da sciencia moderna.

Essa grandiosa theoria forjada no cerebro de Darwin e atrada aos quatro ventos por aquelle intrepido e talentoso observador da natureza, e mais tarde confirmada e adoptada por distinctos outros naturalistas, tornou-se, desde logo o espantallo da ignorancia, irritando de certo modo os espiritos retrogrados que, superstitiosos e fanáticos, temem sem razão um cataclysmo de crengas religiosas e dos preceitos da sociedade hedionda.

Assim é que vemos ainda no seculo XIX ou seculo das luzes, homens notaveis nas sciencias juridicas e sociaes e nas mathematicas, tornarem-se refractarios a essas convincentes doutrinas do Transformismo qua, bem contra, a expectativa delles, vão dia a dia e passo a passo, cercados dos raios luminosos da verdade conquistando a razão e convencendo a todos antes de vencer.

Tendo por divisa a simplicidade, para comprehendermos essa lúo logica quanto natural doutrina evolutiva não precisamos de outro livro que o da propria natureza; e não procuramos outros exemplos senão os que nos offerecem os reinos animal e vegetal.

Tanto em um, como em outro reino, vemos sempre o eterno Struggle for life, graças ao qual, parecendo os fracos em proveito dos fortes, devemos hoje na escala zoologica, como um eloquente resumo da Phylogenia, o typo da raça indo-germanica, aperfeiçoado pela seleção natural, pelo cruzamento e pela adaptão aos meios em que viverão os primitivos progenitores.

Entre os cetaceos e os amphibios, notamos os braços e as pernas mais curtos do que os d'entre os outros animaes, tornando esses membros anteriores uma fôrma especial, a de natatorios, como que para accommodarem-se ao meio liquido em que vivem. Ao passo que na classe dos chiropteres (morcegos), esses mesmos membros se destinam revestindo-se de uma membrana elastica que lhes serve como que de azas para, á semelhança dos passaros, se manterem no ar.

No reino vegetal observamos os mesmos phenomenos de adaptão; e torna-se notavel o exemplo das lianas ou epíparas das florestas brasileiras que, vivendo continuamente na lucta pela existencia, afastão-se do typo commum aos vegetaes; mudão de fôrma; desenvolvem extraordinariamente o seu caule em detrimento das folhas; crescem no sentido helicoidal; adaptão-se ao meio transformando as suas virentes folhas em aridas gavinhas; agarrão-se aos rugosos troncos das velustas arvores e depois de muito luctarem e de verem as suas irmãs mais fracas perecerem na lucta, conseguem attingir ao seu desideratum que é receberem directamento os raios benéficos do ardente sol.

Si volvermos um rapido olhar para os nossos lagos e pequenos rios, o que observamos?—As seductoras pontederias (dama dos lagos ou baroneza) com as suas lindas flores azues em espiga, a lavadireas as aguas de um modo espantoso; usurpando traçoiramente o leito desses mesmos lagos e rios que lhes d'erão fresco abrigo; e tecendo todo o interior d'agua com as suas numerosas raizes filamentosas, de sorte que, dentro em pouco, conquistão luctando contra as aguas todo esse terreno immerso!

Subamos agora as altas montanhas e la encontraremos as Myrtaceas, Melastomaceas, rubiacoras e muitas outras familias representantes das florestas, não com a belleza e pujança hauridas de um

solo permanentemente fresco, sombrio e coberto de espessa camada de humus, porém rachiticas, doentias e com poucas folhas.

Vendo-as assim naquellas altifloras adaptadas ao meio ingrato em que vivem' poder-as-las comparar o naturalista com essa pobre gente do sertão q' longe d's centros civilizados e creada em um meio misquinho e sem recursos, fica rachitica, sua cor empalidece, mirraõ os seus membros, e o individuo assim representado, se bem que moço, parece attingir a uma velhice precoce ou ao terrão fatal da penosa existencia!

Não deixão comtudo essas pobres plantas alpinas de luctar e muito luctar, não para adquirir o vigor e a frescura de suas irmãs congéneras habitantes das mltas virgens, mas para accommodarem-se áquelle ingrato meio em que vivem.

Egrees a esses poucos exemplos tirados da observação la propria natureza, poderia eu citar muitos outros como fraco auxilio em favor da doutrina Darwinista que professor; mas ja vão longas essas minhas considerações, e tenho de tratar ainda do ponto essencial par que foi elle justamente que deu origem a Spencer e a mim observações sobre o assumpto.

Volvendo-me, pois, para concluir, a esse referido assumpto—o cã, direi que estou de accordo quanto as propriedades desse fiel companheiro do homem; e, além dos factos historicos reais e imaginarios do que fala Spencer, lembrei tambem os celebres cães top de Cyrus Smith na Ilha Mysterosa de Julio Verne, o qual tanto se distinguio pelo apurado offeio; o dingo do intrepido explorador d'África Samuel Vermon no Comandante de 15 annos, tambem de Julio Verne, o qual, além da extrema fidelidade que dedicava a seu amo, que o mesmo fora dizer ao seu amigo, conhecia-lhe as suas inclinações S. V.

E finalmente lembro-lhe o sympathia, Fiel do immortal Paulo e Virginia de Bernadina de Saint Pierre.

Ainda mais convencido, sr. redactor, fica o nosso Spencer, de que eu teço pela mesma cartilha que elle, dizendo-lhe que considero o cão, si bem que animal irrational, um nosso parente (meu e de Spencer) bem proximo na escala zoologica, ou em termos mais bonitos, na escala morpica ascendente ou ascensional da humanidade!

Mas, agora pergunto eu, por seguir estas novas e seductoras theorias, por considerar o Chimpanzé e o Gorilla como nossos avós legitimos, (meu e de Spencer) e portanto o cão como o 4.º avô, hei de deixar de accuzar áquelles que sem a necessaria educação domestica esquecem-se de seus deveres para com os seus descendentes?

Não, por certo: a accuzação que faço aos cães bravios ou incorregiveis para que soffrão prizio ou castigo é a mesma que eu faria aos meus irmãos quando commettessem crimes na sociedade.

Tornando, snha Spencer que não me julgo, portanto, o rei da criação, como fazião, e ainda h'je fazem os espiritos retrogrados; porque para qualquer logar que me volva, vejo sempre o espectro eterno de minha fraqueza.

Por toda parte, parece-me ouvir no concerto infinito das plantas e dos animaes uma voz que me brada constantemente ao ouvido: Rapelle-toi que tu es mon frere!

Teuho concluido sr. Redactor. Desculpe-me ter abusado por tanto tempo de sua benevola attenção, e prometto não continuar, seja qual fôr o motivo, nestas desenhadas considerações.

Theresina 15 de Janeiro de 1880.

Su constante leitor

A. S. Mello e Netto.

MISCELLANEA.

Casamentos.

Na igreja de N. S. do Amparo casaram-se na noite de 19 do findante as exm.ªs sr.ª d. Rosa Lúa da Mello Rezende e Maria Augustina de Mello Rezende, distinctissimas filhas do nosso illustre amigo exm. sr. dr. S. Coelho de Rezende, com os srs. Antonio Pio de Moura Falcão e dr. Antonio de Souza Rubim.

Felicitamos os illustres desposados e as suas exm.ªs familias.

HOSPEDE.

Saudamos affectuosamente o nosso digno amigo capitão Francisco de Paula Baptista, honrado commerciante de Amarante, que se acha nesta capital.

Navegação do Rio Balsas.

Sobre este assumpto temos o seguinte no Commercio, de Caxias:

«Com a chegada de 2 vapores e 4 barcas encomendadas pela companhia de navegação do Piahy, tem ella de levar a effeito a exploração do rio Balsas, que nenhum obstaculo offerece a navegação até o ponto de distar apenas 20 leguas da cidade de Carolina.

Conseguido isso é facil de prover-se que os negociantes do alto sertão em vez de embarcarem seus generos pela via morosa e arriscadissima do Tocantins preferirão transportar-os pelo rio Balsas com destino a Maranhão, ou mesmo a Theresina, vindo por tanto a luctar muito a linha ferrea que trata-se de construir d'sta cidade ao povoado de Cujazeiras, fronteira a capital vizinha, porque será por elle que terão de tranzitar não só os generos de que se trata, como passageiros, cujo numero irá sempre em augmento.»

Dr. Antonio Borges

Chegou h-ntem a esta cidade, vindo do Recife, o nosso sympathico commerciante no sr. Antonio Borges Ferreira Castello Branco, distincto quantonista da faculdade de direito d'aquelle cidade.

Compromettamo-nos affectuosamente.

O Paiz.

Este importante diario fluminense declarou-se em franca opposição ao governo, deixando por isso o sr. Joaquim Nabuco a sua redacção.

Club Republicano

Organisou-se na villa do Corrente desta provincia um club republicano que conta já muitos adeptos.

Achou-se a frente do movimento o illustrado medico Dr. Joaquim Nogueira Paranaíba e outros membros da sua importante familia.

Campo maior

Escrevem-nos desta localidade:

«Por aqui vamos mal e muito mal com relação a secca que nos cerca por todos os lados. Creia que é medonha. O gado está morrendo em numero de cem ou mais por dia, isto é, dos que são deste termo e vigados em pequenas distancias da villa, afóra outros de fazendas mais longinhas.

Algumas pessoas que tinhão gados em numero de poucas cabeças, hoje nada mais possuem!!

E' ir-rivel a nossa situação! O commercio completamente paralisado, e já vamos sentindo a falta de legumes devido a migração dos animaes para condizil-os e mesmo porque seguirão grandes comboios para o Ceará. A agua para o consumo publico já se concluz de distancia de meia legua.

Tem havido pequenas chuvas, estas mesmo em mangas, finalmente não ha pastagens e tem agudas e assim vamos caminhando para um abysmo, se Deus com tempo não nos acudir.

O «Telephone» ha pouco tratou de agudes neste termo. Muito bem. A lembrança é acertadissima, mas, não terá execução (*) Para aqui só tratão de augmentar impostos: creados q' sejam, lá vem ordens e mais ordens para promover-se a cobrança, sendo que este é um dos termos que mais concorre para o Thezourro.

Dentro da villa temos a na lúo e um azule. Quer uma, quer outro, é de grande necessidade fazer-se já escavações, concertos e cerca-lis do forma que fiquem com sngradouros.

O sarampo continúa a flagellar-nos. O partido conservador acaba de perder dois amigos distinctos e eleitores desta par-chia—capitão Coriolano Diodilio Prates e Eustaquio Prudencio de Carvalho.

(*) Pensa bem o nosso missivista. Isto de agudes para ahi é uma utopia. Se até o melhoramento desse arremedo de agude que ahi existe, é julgade impraticavel!

Com a extincção de uma associação que aqui houve denominada «Sociedade Prosperidade Campomaiorensis» foi applicado o saldo que havia para a compra de um palio de damasco para a igreja de Santo Antonio, o qual acaba de chegar da capital do Maranhão.

A cadeia desta villa precisa de urgentes concertos, e não obstante as reclamações que se tem feito em d'ito sentido, nada se tem conseguido para melhor-a. As pedras de um paredão inutil que existe dentro do rio, devem ser removidas para o concerto da referida cadeia e de outras obras que o governo entender de mandar fazer.»

Fallecimento

Em Lisboa, onde se achava ha algum tempo, falleceu ultimamente o honrado commerciante da praça do Maranhão, Manoel Silvestre da Silva Couto, socio da importante firma de Vinhas & Couto, muito relacionada nesta provincia.

O finado era um dos membros mais distinctos do commercio maranhense.

O seu correspondente e amigo, nesta capital, o sr. tenente coronel Manoel Raimundo da Paz, mandou celebrar no dia 21, na igreja de N. S. das Dores, uma missa de requiem por alma do illustre morto, acto a que assistiram muitos membros do commercio e de outras classe sociaes.

Fallecimento.

Na cidade da Parnahyba falleceu no 18 do corrente o official de descarga da alfandega d'aquelle cidade, Cezar Collaço Candá e Veras, cunhado do nosso estimavel amigo Raimundo Virgilio da Rocha Tote.

Era o finado um moço de qualidades apreciaveis.

Damos pesomes a sua exm.ª familia, especialmente ao seu cunhado nosso amigo Raimundo Tote.

Companhia de Fiação e Tecidos Pianhyense

Os incorporadores desta companhia, abaixo assignados, convocão aos srs. Accionistas da mesma companhia a se reunirem em Assembléa geral no dia 27 do corrente mez, as 11 horas da manhã, no Escritorio da Companhia de vapores, afim de ser constituída a Empreza, na fôrma do art. 27 do Regulamento que baixou com o Decreto n.º 8821 de 30 de dezembro de 1882.

Theresina, 26 de Janeiro de 1880.

João da Cruz e Santos

José João dos Santos

Antonio G. P. Portellada

M. G. C. Branco

RAPE DA BAHIA

ACABA DE CHEGAR PARA

A

FABRICA VERA-CRUZ

CHURUTOS DA BAHIA

Receben a FABRICA VERA-CURZ um magnifico sortimento, das seguintes marcas:

EXPOSIÇÃO FINA.

B smarks. Primores.

PEROLAS.

Regalia fina. Affagos Bahianos

INDUSTRIA

Cata-flores. Intervallos.

REGALIA DA CORTE.

Regalia Imperial. Elegantes.

Que vendo se apreços sem compitidor.